



CENÁRIO MACROECONÔMICO

2º SEMESTRE/2015

Prezados senhores diretores e conselheiros;

No mês de Junho, os fundos atrelados ao subíndice IMA – B apresentaram rentabilidade negativa, devido o índice ter fechado o mês em **-0,27%**.

Nos últimos meses, estamos recomendando, através dos pareceres de investimento, que os nossos RPPS – Clientes apliquem recursos em fundos atrelados ao **IMA – B e IMA – B 5**.

Alguns clientes passaram a questionar se as nossas recomendações estão coerentes, devido o índice ter fechando negativo em Junho (*principalmente após ter rentabilizado +2,44% em Abril e +2,57% em Maio*) e fecha o mês negativo e já abre Julho com perspectiva de nova baixa.



Nossa recomendação continua sendo para os senhores aplicarem em fundos atrelados ao subíndice **IMA – B e IMA – B 5**, respeitando os limites recomendados para cada um e respeitando os limites mínimos e máximos de benchmark, que consta na Política de Investimentos/2015, que é atualizado mensalmente na página 3 do parecer mensal de investimentos.

Mas, devido à turbulência (que está por vir) no cenário macroeconômico interno e externo, achamos que essa recomendação, merecia um parecer a parte, para explicarmos nossa fundamentação.

ÍNDICE

1. <u>COMPRAR NA BAIXA E VENDER NA ALTA</u>	3
2. <u>MOVIMENTO DOS SUBÍNDICES IMA – B, IMA – B 5, IMA – B 5+</u>	4
3. <u>TAXA SELIC</u>	7
3.1. <u>NÍVEL DESEMPREGO</u>	8
3.2. <u>CONTROLE DA INFLAÇÃO EM 2016</u>	10
3.3. <u>HIATO DO PRODUTO</u>	12
4. <u>CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO</u>	12
4.1. <u>ECONOMIA DA CHINA</u>	13
4.2. <u>GRÉCIA E ZONA DO EURO</u>	15
4.2.1. <u>INÍCIO DO PROBLEMA</u>	17
4.3. <u>CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO</u>	19



1 - COMPRAR NA BAIXA E VENDER NA ALTA

Um dos grandes erros dos investidores em bolsa de valores é seguir o “**Efeito manada**”. Após uma ação valorizar de forma extraordinária, resolve investir na ação, aproveitando que “o vizinho” está ganhando com essa ação. Grande erro, pois o vizinho está ganhando, porque ele investiu nessa ação, quando ela estava no ponto ZERO. Vamos pegar de exemplo, as ações da Petrobrás.

No mês de Abril, as ações da Petrobrás rentabilizaram em torno de **+48%**. Temos alguns clientes que possuem ações da Petrobrás e verificaram isso no seu parecer. Alguns, após lerem a notícia, se animaram de investir nesse papel, após o ganho fabuloso. No mês seguinte, em Maio, a ação da Petrobrás fechou o mês em **-7,11%**. Agora sim, recomendaríamos a aplicação.

Mas a questão psicológica de ver o papel dar negativo gera pânico ao investir e ele resolve recuar. No mês seguinte, já em **Junho**, as ações da Petrolífera fecharam em **+10,42%**. E aí ele anima novamente em aplicar.

Aquele que investiu desde Abril, está com um ganho acumulado de **+51,86%**. Aquele que viu o ganho fabuloso e entrou em Maio, está com um ganho acumulado de **+2,57%**.



2 – MOVIMENTO DOS SUBÍNDICES IMA – B, IMA – B 5, IMA – B 5+

Desde o 2º semestre/2014, estamos explicando através de gráficos, o comportamento de oscilação dos subíndices **IMA – B**, **IMA – B 5** e **IMA – B 5+**. Para resumir, todos os índices compram Títulos Públicos **NTN – B**, a diferença é que o **IMA – B 5** comprar Títulos com vencimento de no máximo 5 anos, o **IMA – B 5+**, com data de vencimento acima de 5 anos e o **IMA – B** comprar qualquer NTN – B, não se preocupando com o prazo de vencimento. Pode ser uma NTN – B para vencer em 2016, como pode vencer em 2045. **(ASSUNTO DE CPA – 10 e CPA- 20. Quanto maior o prazo do papel, maior suas oscilação no mercado. Quanto maior o prazo do papel, maior a expectativa de retorno).**

Entre os três índices, o **IMA – B 5** é o mais moderado. Como ele tem esse limite de comprar papéis com vencimento no máximo em 5 anos, ele coloca uma “trava” até onde poder oscilar. Já o **IMA – B 5+**, que compra papéis acima de 5 anos, a sua oscilação é bastante alta. O céu é o limite (ou o inferno, caso de rentabilize negativo).

Por conta dessa moderação, os índices **IMA – B** e **IMA – B 5+**, possuem comportamento que oscilam ao redor do **IMA – B 5**. O **IMA – B 5** acaba funcionando como um parâmetro de comportamento para os dois. Em certos períodos, o **IMA – B** e o **IMA – B 5+**, rentabilizam mais ou menos que o **IMA – B 5**. Ou, como costumamos dizer, **um índice sempre corre mais do que o outro. Mas o que corre mais, também cansa mais cedo,**



ATUARIAL
CONSULTORIA

www.atuarialconsultoria.com.br

diminuindo o ritmo e dando tempo para os mais devagar chegarem. No fim das contas, todos chegam no mesmo lugar.

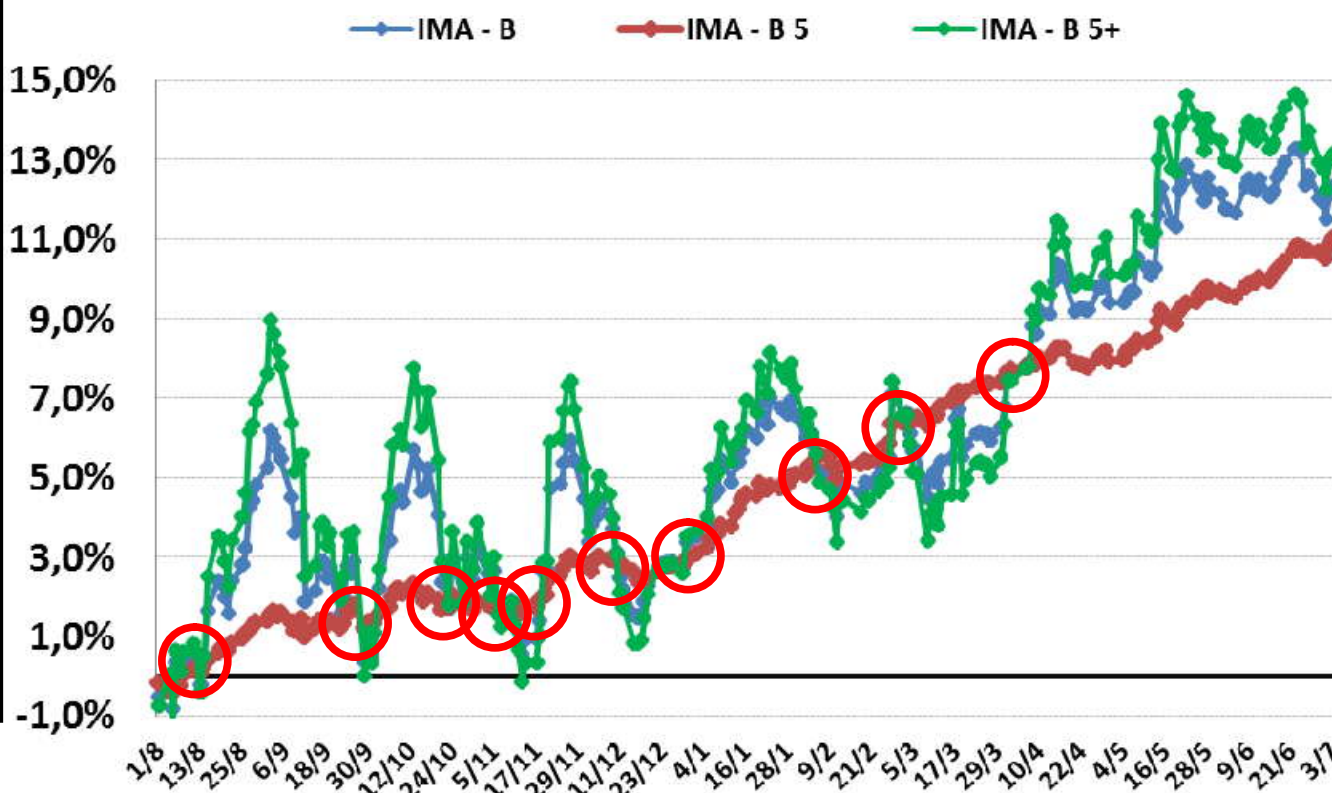
Se observarmos o gráfico abaixo, desde Agosto de 2014, os índices oscilam entre si, mas em determinados períodos, todos chegam no mesmo lugar.



COMPORTAMENTO ACUMULADO DOS SUBÍNDICES IMA – B, IMA – B 5 e IMA – B 5+

1 - Aquele que investiu os mesmos valores em **IMA – B, IMA – B 5 e IMA – B 5+**, desde 1/08/2014, se o resgatasse o mesmo valor investido nos 3 índices, nos meses com o círculo vermelho em destaque, resgataria praticamente o mesmo ganho.

Rentabilidade Acumulada (Ago/2014 - Julho/2015)



2 - Nesse caso, resgatando exatamente nos períodos destacados com o círculo vermelho, de nada adiantaria investir em IMA – B 5+, sendo que o ganho com o IMA – B 5 foi o mesmo. A diferença é que o IMA – B 5 rentabiliza sem causar dor.



Se observarmos o gráfico acima, podemos perceber que a distância entre os círculos passou a ficar maior. E a boa notícia. O **IMA – B** e o **IMA – B 5+**, permaneceu por mais tempo acima do **IMA – B 5**. É sinal de coisa boa para os próximos meses. Ou como se costuma dizer no meio do mercado financeiro **é a hora de estar do lado certo da volatilidade (oscilação)**.

A tendência é que tenhamos uma pequena devolução dos ganhos com o IMA – B e IMA – B 5+ nos próximos meses, mas retornando o comportamento na casa de **+2,00% ao mês** em pouco tempo.

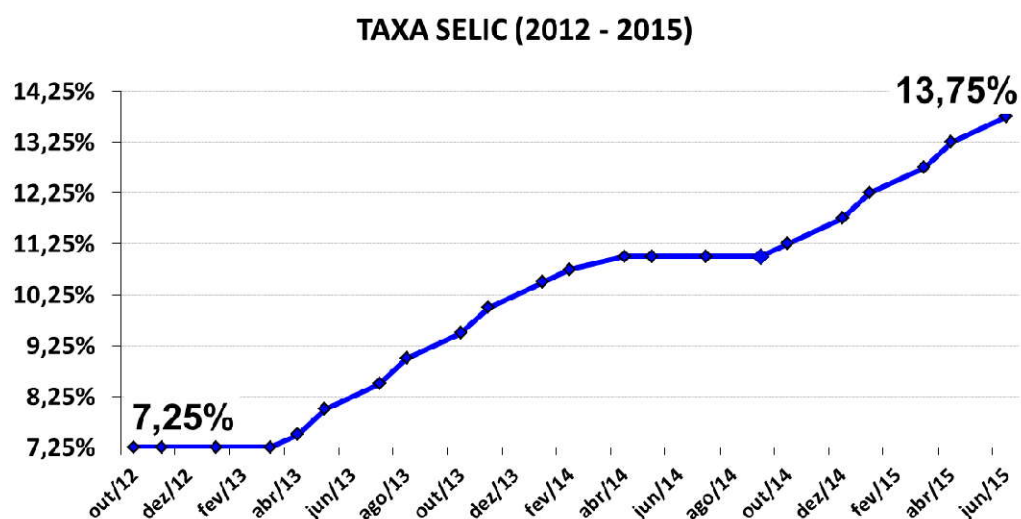
O grande problema de aplicar em subíndice IMA é a questão da taxa Selic. Como muitos aprenderam em 2013, elevações da Selic, provocam desvalorização dos IMAs, principalmente **IMA – B**.

3 – TAXA SELIC

A taxa Selic está vem de um ciclo de alta, desde Abril de 2013, sendo interrompido seu aumento entre Junho e Outubro de 2014 (por motivos óbvios) e retornando seu aumento a partir disso.



Como a inflação começou a perder o controle no final de 2012, o Banco Central se viu obrigado a elevar a Taxa Selic, para frear o consumo e segurar o surto inflacionário. (ASSUNTO DE CPA – 10 e CPA - 20).



3 – TAXA SELIC

3.1 – NÍVEL DE DESEMPREGO

A elevação da inflação gera outro impacto, que é o **aumento de desemprego**. Como a ideia é reduzir o consumo, o comércio observa um giro menor de seu estoque, redução de lucro e passar a reduzir a produção para conter os prejuízos. Este efeito “colateral” da Taxa Selic, começou a aparecer nos últimos meses, com as grandes montadoras elaborando planos de férias coletivas em massa e aderindo ao programa de Lay – Off.



Edição do dia 01/06/2015
01/06/2015 11h51 - Atualizado em 01/06/2015 15h39

Empresas brasileiras optam pelo lay-off para não demitir funcionários

Jornada de trabalho é reduzida ou o contrato é suspenso temporariamente. Em junho, 35% dos empregados de montadoras de veículos vão ficar em casa.



Edição do dia 26/08/2014
27/08/2014 02h07 - Atualizado em 08/01/2015 20h30

Montadoras suspendem contrato de funcionários pelo regime de layoff

Setor automobilístico está adotando regime de layoff e redução de salários. Cerca de 3.500 metalúrgicos da GM aceitaram regime no Vale do Paraíba.

Janaina Lepri / Marcelo Hespaña / Diego Gavazzi / Marcelo Rocha
São Bernardo do Campo, SP / São José dos Campos, SP / Resende, RJ / Curitiba, PR



O sistema de Lay-Off, consiste em suspender o contrato do funcionário por até 6 meses. É como se ele fosse demitido “temporariamente”, recebendo salário-desemprego até completar 6 meses. Após esse prazo, a empresa decide se demite o funcionário de vez ou não.

Valor ECONÔMICO

Home | Brasil | Política | Finanças | **Empresas** | Agronegócios | Internacional | Opinião

Cias Abertas | Indústria | Infraestrutura | Consumo | Tecnologia | Energia | Mais setores ▾

17/04/2015 às 18h05

Mercedes vai demitir 500 empregados que estavam em 'lay-off'

Por Ivo Ribeiro | Valor

SÃO PAULO - A montadora de veículos Mercedes-Benz do Brasil informou, em comunicado, que vai rescindir os contratos de trabalho de 500 dos 750 funcionários que estavam no regime de licença remunerada e “lay-off” na sua fábrica de São Bernardo do Campo (SP). A medida passa a vigorar a partir de 4 de maio.



Eu não sou favorável a esse sistema, porque a empresa resolve o problema financeiro dela, transferindo para o governo pagar. E quem banca o governo somos nós. Para não afetar seu lucro, as montadoras colocam uma grande quantidade de funcionários recebendo seguro-desemprego, aliviando seu caixa por 6 meses e ainda podendo demiti-lo de vez, que é o que ocorre na maioria dos casos. Para o trabalhador que fica no sistema de Lay-Off, deve ficar a incerteza de saber se está desempregado ou não ou apenas dando “um tempo em casa”, à custa do governo. Esse efeito colateral é um dos motivos para decretar o fim do aperto monetário. A um consenso entre os integrantes do COPOM, de que, na próxima reunião (28 e 29/07), novos indicadores mostrarão a debilidade da atividade econômica do país, favorecendo o fim do ciclo de aumento.

3 – TAXA SELIC

3.2 – CONTROLE DA INFLAÇÃO..... EM 2016

O outro motivo e o principal deles é quanto ao controle da inflação. As últimas Atas do COPOM deixa claro que a elevação da Selic é para conter a inflação em 2016 e não em 2015. Segundo os Relatórios de Inflação – RI, elaborados pelo Banco Central, o Bacen foca que em 2016, a expectativa de inflação deva ficar em 4,6% ou 4,7%, próximo do centro da meta que é de **4,5%**.



As Atas deixam claras, que o compromisso do COPOM é deixar o IPCA dentro da meta (ou próximo disso), em 2016. Pelo visto, 2015 é considerado um ano perdido. Mas ainda há um consenso, que a Selic possa chegar em 14,25% na próxima reunião.

O RI de junho, elaborado pelo diretor de política econômica do COPOM, finaliza informando ao mercado que, *“como a economia ainda prevalece com a alta de preços, reitera-se a necessidade da determinação e perseverança no âmbito da política monetária (aumento dos juros), com propósito de circunscrever 2015, os efeitos de ajustes de preços relativos, continuar o processo de ancoragem de expectativas que já mostra resultados positivos nos prazos médios e colocar a inflação na meta em Dezembro de 2016”*.

Dependendo dos acontecimentos nas próximas 3 semanas que antecedem a reunião do COPOM, há um consenso no mercado que essa elevação possa ser menor, elevando a Selic para 14,00% e não 14,25%. Desde Outubro de 2014, as últimas 5 reuniões vêm elevando a Selic em 0,50%. Há um consenso no mercado, que essa elevação possa ser de 0,25% e quem sabe até a última.



3 – TAXA SELIC

3.3 – HIATO DO PRODUTO

Outro índice bastante discutido nos documentos do Banco Central e que corroboram para que o fim do aperto monetário esteja próximo é o **Hiato do Produto**. O Hiato do Produto é um índice calculado sobre o PIB – Produto Interno Bruto, criado pelo Assessor econômico do Presidente dos Estados Unidos, John Kenedy, nos anos 60. O Hiato do produto é diferença entre o PIB **Efetivo** e o PIB **Potencial** de um país. O Efetivo é o crescimento que estamos vendo e o Potencial é o crescimento que temos condições de ter, tendo em vista a nossa capacidade de produção (as empresas apenas reduziram e não perderam mercado), de capital e de trabalho, caso a economia permanecesse aquecida. Como a diferença entre o que está crescendo (efetivo) e o potencial está aumentando, isso gera desemprego e **não há necessidade de aperto monetário (subir juros), para segurar a demanda.**

4 – CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO

Infelizmente, algumas notícias pessimistas no mês de Julho, podem atrasar um pouco mais esse ciclo de aumento dos juros, como forma de prevenção.



O subíndice **IMA – B** pode sofrer oscilação nos próximos meses, devido os acontecimentos no mercado econômico, tanto nacional, quanto internacional e principalmente por conta do cenário político brasileiro. Mas nada que deva afugentar o investidor. Devemos ter uma turbulência no **IMA – B** em um ou dois meses ou nem isso. Pode ser que essa oscilação fique no campo das especulações.

O Cenário macroeconômico internacional poderá gerar impacto sobre o Dólar, o que afeta sensivelmente a inflação no Brasil. Com a alta do Dólar, passamos a consumir mais internamente, diminuindo as importações (nossos clientes do Mato Grosso do Sul sabem muito bem o que estamos falando). E tudo o que não precisamos agora é elevar o consumo de forma abrupta, gerando pressão sobre inflação. Nesse caso, seria prudente adiar um pouco mais o encerramento do aumento dos juros. E os motivos que deverão elevar o Dólar nos próximos meses vem da economia chinesa, da Zona do Euro e remotamente (muito remotamente) os Estados Unidos, com a decisão de elevar a Taxa de Juros, que se estende no mesmo patamar desde 2008.

4 – CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO

4.1 – ECONOMIA DA CHINA

Nos últimos anos, a economia chinesa vem mostrando retração da atividade econômica, registrando PIBs cada vez menores.



O PIB divulgado para o **1º Trimestre/2015** foi de **7,00%**, sendo o menor nos últimos 6 anos, colocando em xeque a recuperação de sua economia. Comparando ao PIB Brasileiro, que foi de -0,2% no mesmo período, aparentemente é um PIB extraordinário. Mas, se levarmos em consideração que 30% da população mundial é chinesa, a necessidade de produção da China é altíssima. Um crescimento de 7,00% é algo relativamente modesto.

Para termos uma ideia, o crescimento de 7,00% é proporcionalmente baixo em relação ao -0,2% do Brasil. O PIB per capita brasileiro em 2013 era de **R\$ 35.865,86**. Já o Chinês, no mesmo período era de **R\$ 21.783,78** (já convertido em real).

Como a China é o nosso segundo (quase primeiro) maior importador, principalmente de Petróleo e Minério, um empobrecimento chinês resume em uma redução das nossas exportações. A China inclusive é o maior importador de Petróleo do mundo e essa é a principal causa para a derrubada do preço do Barril de petróleo no mercado internacional. Como a China é o 2º maior importador do mundo (ficando atrás dos EUA) a China consumindo menos, o mundo vende menos. E ainda há certo ceticismo no mercado, sobre a confiabilidade das informações oficiais pelo Governo Chinês.

Resumindo para o Brasil.....Exportando menos para o nosso principal freguês, temos pressão sobre emprego e a redução da entrada de Dólares, o que pressiona para uma alta da moeda americana. Lembrando..., Dólar em alta, pressão na inflação.



4 – CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO

4.2 – GRÉCIA E ZONA DO EURO

O principal fato que irá tomar as manchetes na economia internacional será a possibilidade da saída da Grécia na Zona do Euro.

No dia 1º de Julho, o governo grego deu um calote no Fundo Monetário Internacional – FMI, não quitando uma parcela de no valor de **€ 1,6 Bilhões** de Euros (ou R\$ 5,6 Bilhões), referente a um empréstimo de **€ 21,4 Bilhões** (ou R\$ 74,9 Bilhões).

Apesar do calote dado pelo governo grego, o maior problema da República Helênica não é sua dívida com o FMI e sim, com o Banco Central Europeu – BCE, no valor de **€ 18,1 Bilhões** (ou R\$ 63,4 Bilhões).

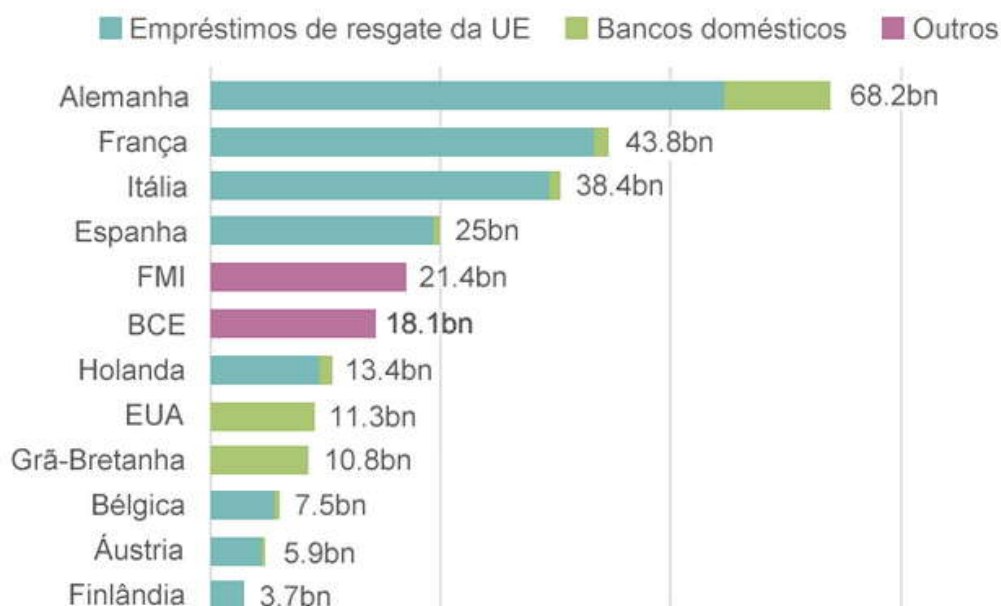
Dia **20 de julho** é a data final para que o governo grego quite seus empréstimos junto ao BCE, que já cortou desde o dia 1º de Julho, o envio de recursos para os bancos gregos, já prevendo o risco de calote. Por conta disso, para (tentar) amenizar o risco de liquidez, o governo grego decretou feriado bancário de uma semana. Sem abastecer o caixa eletrônico de Euros, fatalmente em dias, haveria uma corrida em massa para saques e não existiria mais dinheiro físico nos bancos da Grécia.



Dando calote também ao BCE, no dia 20 de Julho, praticamente sentenciará a saída da Grécia da Zona do Euro. Se isso acontecer, o impacto sobre o mercado será enorme. Não por conta da Grécia, cuja economia não representa mais do que 2% do PIB da Zona do Euro, mas porque irá afetar potências que emprestaram recursos para a Grécia, como a Alemanha (€ 68,2 Bilhões), França (€ 43,8 Bilhões) e países que estão em recuperação econômica como Itália (€ 38,4 Bilhões) e Espanha (€ 25 Bilhões). O pavor de uma desestabilização na Zona do Euro deverá gerar uma corrida atrás de Dólar, causando surto no preço do Dólar no mercado internacional.

Quem são os credores da Grécia?

Principais credores (em bilhões de euros)



FONTE: BBC Brasil



4 – CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO

4.2 – GRÉCIA E ZONA DO EURO

4.2.1 – INÍCIO DO PROBLEMA

A Grécia sempre foi apontada pelos países da Europa, como um país que gasta mais do que arrecada. Os motivos são diversos, sendo o principal as contas públicas. A Grécia possui muitos aposentados, o que aumenta significativamente os gastos com previdência. Além disso, os gregos são conhecidos por pagar pouco imposto. Em 2012, a diretora-gerente do FMI, Christine Lagarde, criticou a política fiscal da Grécia, dizendo que *“os gregos deveriam pagar mais impostos se querem que suas crianças tenham acesso a uma boa saúde e educação.”*

Para conseguir fazer parte do Bloco econômico (Zona do Euro) em 2001, a Grécia chegou a maquiar as contas públicas e o valor real de sua dívida. Com a entrada do País na Zona do Euro, os riscos dos títulos gregos diminuíram, fazendo com que o país vendesse diversos Títulos no mercado e aumentasse ainda mais a sua dívida. O governo gastou mais nos primeiros anos na zona do euro e, ao mesmo tempo, não fez ajustes necessários.

A crise internacional de 2008 foi o “tendão de Aquiles” para a Grécia. Diminuíram a liquidez dos Títulos gregos e os investidores estrangeiros tornaram-se mais



seletivos a quem iam emprestar dinheiro. Além disso, a crise fez a Grécia aumentar os gastos sociais, devido o aumento do desemprego.

A turbulência financeira abriu os olhos da Europa para o problema de caixa da Grécia. A dívida grega, que já vinha de um histórico alto (e que tinha sido maquiada), caminhava para se tornar impagável. Se o Brasil possui uma dívida pública na casa de 40% sobre o seu PIB, a Grécia possui uma dívida pública na casa de 175% sobre o seu PIB. Desde então, os gregos passaram a recorrer a empréstimos junto ao BCE, União Europeia e FMI, para quitar a folha do funcionalismo público e as aposentadorias.

A Grécia vive um grande dilema, sobre sua participação na Zona do Euro. Observando os empréstimos realizados pelo governo, não existe outra saída, se não, decretar moratória de suas dívidas, em defesa do povo grego. Desde que concedeu os empréstimos, os Países europeus exigiram que fosse seguido um programa de austeridade, onde os gregos privatizassem boa parte de suas estatais (para fazer caixa), diminuíssem o valor das remunerações dos Servidores Públicos, reduzissem o valor das aposentadorias e pensões e elevassem os impostos. Isso gerou mais desemprego e hoje, 60% da população economicamente ativa e jovem, está desempregada. Adotando mais ajustes de austeridades, praticamente exige que a população grega trabalhe para quitar a dívida do governo. Baseado nisso, não há outra saída, do que dar o calote em todo mundo. Em contrapartida, saindo do bloco do Euro, isso afetará sensivelmente o Turismo no país, já que a mais 14 anos, não se tem o problema da conversão de moeda, algo que atrapalha e muito



Importações e Turismo, principalmente que o Turismo é a principal atividade econômica do País. Atualmente, 5 países Europeus não fazem parte do Bloco Econômico que contam com 27 países (Croácia, Islândia, Macedônia, Noruega e Turquia).

4 – CENÁRIO POLÍTICO E MACROECONÔMICO

4.3 – CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

Outro fato que chamamos a atenção para a paciência (momentânea) com o subíndice **IMA - B** é a aprovação das contas do governo pelo Tribunal de Contas da União – TCU.

A mídia constantemente menciona as “pedaladas fiscais”, evidenciando que o governo interferiu no próprio balanço, para aparentar estar cumprindo as metas fiscais em 2014. A principal interferência já apontada pelo TCU foi o atraso (de forma proposital), do repasse de dinheiro do Tesouro Nacional para as Instituições Financeiras (bancos emprestam para bancos e governos também emprestam para bancos e vice-versa).

A prática seria o Governo deixar dinheiro em caixa ao final de cada mês, para evidenciar que as metas fiscais estariam sendo cumpridas e gerando superávit primário. Na prática, para fechar as contas no AZUL, o governo atrasava o repasse de dinheiro no fim do mês aos bancos, realizando o repasse no início do mês seguinte. Para tornar didático, se



you gain R\$ 1.000,00 of salary and have a debt of R\$ 1.200,00 at the end of the month, you have a deficit, as you will still owe R\$ 200,00. To appear that you have money in cash, purposefully you pay the debt in the next month, to appear in the final statement of your current account, a balance (surplus) of R\$ 1.000,00.

On **July 21**, the TCU will present a technical report, about the accounts of the government, evidencing any practice that violates fiscal goals. The TCU does not have the power to judge or sentence the government, only to reproduce a technical accounting report and deliver it to the National Congress, which will analyze its content and decide if it approves or not the technical report. Not approving, legally, there is the possibility of a request for impeachment of the President of the Republic, alleging Administrative Improbability. For this reason, the Government already mobilizes its allied base, to approve the TCU Report.

If this occurs, on **July 21**, we will have a change in the behavior of Public Titles (and automatically in the IMA – B). The market will react with pessimism, crashing the price of Public Titles, for fear of systemic risk. Or it will react with enthusiasm, valuing the Public Titles of the Government, with the possibility of the end of the current administration, crediting that “now it will”. The certain thing is that the **IMA indices** will have another behavior, starting from July 21.



Para essa informação não aparentar falta de imparcialidade, informamos que o governo federal irá se defender, dizendo que essa prática (pedalada fiscal) foi utilizada em anos anteriores, sendo aprovado como regular pelo TCU, nos anos de 2000, 2001 e 2002. Essa prática realmente existiu, foi tratada como regular pelo TCU e as regras para cumprimento de metas fiscais e orçamentárias eram as mesmas de hoje.

Este parecer nasceu de conversas informais com vários Diretores de RPPS e Clientes. As perguntas, dúvidas e conversas informais de cada um, foram compiladas tudo neste parecer. Continuem troca ideias conosco, que, de conversar informais, saem bons estudos.

No dia 6 de Julho, o MPS publicou a Portaria MPS 300, alterando algumas regras sobre a classificação dos RPPS como investidores (Qualificado ou Profissional) e incluiu mais algumas regras sobre o Credenciamento das Instituições Financeiras e seus Fundos de Investimento. Posteriormente, estaremos dissertando melhor as mudanças.

No mais, agradecemos a confiança depositada em nossa assessoria e estamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,



Igor França Garcia
Atuário MIBA/RJ – 1.659



Certificação Profissional ANBID CPA 10 e CPA - 20

Consultor de Valores Mobiliários credenciado pela CVM